

Alfa 1 (março 1962)

ELIA, Sílvio - O Problema da Língua Brasileira, 2ª ed.  
Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1961.

Com alguns acrescentamentos que não lhe alteraram substancialmente a feição primitiva, sai agora a segunda edição de O Problema da Língua Brasileira, de Sílvio Elia.

A primeira edição, de 1940 (Edições Pongetti, Rio de Janeiro), assinalava o início de uma série de publicações de interesse lingüístico e filológico (1).

O A. começa por enumerar os principais estudiosos de língua, num capítulo intitulado "Como se tem feito Lingüística". São referências aos primeiros gramáticos hindus e gregos cujas idéias foram retomadas pelos franceses do grupo de Port-Royal, empenhados, também estes, em valorizar os fundamentos lógicos da linguagem.

É quando ocorre um fato vital para a Lingüística: Sasseti (1540-1588), Coeurdoux (1768) e William Jones (1783), sucessivamente, descobrem o sânscrito e suas relações com o grego, latim e o germânico, possibilitando o surgimento da Gramática Comparada, definitivamente estabelecida em seus métodos por Franz Bopp, em 1816. Assim, o prestígio do latim fica abalado pelo Indo-Europeu, língua que pôde ser reconstituída parcialmente graças ao interesse e à impressão causada pela Índia no espírito novecentista (2).

Seguem-se o naturalismo lingüístico (Whitney, Max Müller, Hovelacque), o movimento dos neogramáticos, a fundação da Filologia Românica (Diez, Meyer-Lübke, Bourciez), o impulso dado à Fonética, graças às pesquisas comparatistas (Sievers, Rousselot, Grammont) e o desenvolvimento da Dialetologia (Ascoli).

Finalmente, já no séc. XX, tomando novos rumos, a Lingüística renuncia à inclinação Histórica, tornando-se Geral, tendência encarnada em Meillet.

As novas correntes da Lingüística vêm estudadas no cap. II (3). Agrupados num mesmo movimento de oposição ao positivismo lingüístico do séc. anterior, mantendo embora cada qual uma posição própria, tivemos a Geografia Lingüística de Gilliéron, a Sociologia

Linguística de Meillet, a Psicologia Linguística de van Ginneken, a subordinação da Linguística à Estética por Vossler, o estruturalismo de Saussure, o movimento de Palavras e Coisas de Jaberg. Assim historiada a evolução do pensamento linguístico, aproxima-se o A. do tema da obra, e o fará indagando da natureza do fato linguístico (cap. III); considerando a causa social de grande importância para os problemas da língua, é à Sociologia que se deve pedir explicação para o problema da existência da língua brasileira (p. 79).

Passa, então, a examinar a posição dos diversos AA. que versaram o assunto, começando pelo primeiro deles, Visconde de Pedra Branca, em 1826, e seguindo por Virgílio de Lemos (A Língua Portuguesa no Brasil. Bahia, 1916), Renato de Mendonça (O Português do Brasil. Rio de Janeiro, 1936), Antenor Nascentes (O Idioma Nacional, 4 vols. Rio de Janeiro, 1928-1929), João Ribeiro (Páginas de Estética. Lisboa, 1905 e A Língua Nacional. São Paulo, 1933), Herbert Parentes Fortes (A Gramática e a Evolução da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, 1933), Gladstone Chaves de Melo (A Língua do Brasil. Rio de Janeiro, 1946), Serafim da Silva Neto (Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil. Rio de Janeiro, 1951), além de Xavier Marques, Cândido Jucá (filho), Solidônio Leite, Domingos de Castro Lopes, João Leda, Manuel de Paiva Boléo e Giovanna Aita.

Retomando o problema da existência da língua brasileira, já afluído páginas atrás, conclui Silvio Elia tratar-se de questão de cultura: enquanto continuar ocidental e ibérica nossa cultura, será portuguesa nossa língua. Passará a existir língua brasileira no momento em que se desligasse a cultura brasileira da ocidental, com a estruturação de uma cultura americana.

Em conclusão, há uma unidade linguística no Brasil e uma diversidade estilística.

O traço caracterizador desta obra, que persiste à como tônica da primeira à última página, é a oposição sistemática ao positivismo linguístico, mecanicista e cientificista. Seja-nos lícito opor um reparo à O Problema da Língua Brasileira, a propó-

sito da economia da obra: a existência de dois grandes capítulos destinados a fixar o choque entre a lingüística pós-saussuriana e o mecanicismo lingüístico, através de uma pequena História da Lingüística, de um lado, limitou a contribuição pessoal do A. a umas poucas páginas e, de outro, facultou a presença de longos excursos e enumerações de opiniões (cf. pp. 68 e ss. - classificação da Lingüística entre as demais ciências -, e pp. 95-155: exame da posição de diversos AA. nacionais).

Terminada a leitura, a obra nos fica a parecer menos uma contribuição de Sílvio Elia para a solução do problema, do que propriamente um trabalho preliminar de levantamento bibliográfico, a-rauto de algo mais definitivo, para o que SIA. está aparelhado.

#### NOTAS

(1) Orientações da Lingüística Moderna. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1955. O Romantismo em face da filologia. Pôrto Alegre, Instituto Estadual do Livro, Secretaria de Educação e Cultura, 1956. "A Unidade lingüística do território brasileiro", in Anais do Congresso Brasileiro de Língua Vernácula. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1957, vol. II, pp. 15-47.

(2) As conseqüências da atração do exótico oriental (mais particularmente da Índia) sôbre a alma romântica foram evidenciadas pelo A. em seu trabalho O Romantismo em face da filologia.

(3) Esta matéria foi melhor desenvolvida no livro Orientações da Lingüística Moderna, onde Sílvio Elia focaliza as seguintes tendências lingüísticas pós-saussurianas: A Estilística, O Idealismo Lingüístico, A Geografia Lingüística, etc.

(4) Lê-se no prefácio que Sílvio Elia entregou os originais desta segunda edição em 1957. DeíHerbertéParentes Fortes saíram, além da obra citada, as seguintes, em publicação póstuma: Filosofia da Linguagem (1956), A língua que falamos (1957), A questão da língua brasileira (1957), e Euclides. o estilizador de nossa história (1958).

---

ATALIBA T. DE CASTILHO

*Ataliba T. de Castilho*